

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA

**A TEORIA DA MAIS-VALIA DE KARL MARX**  
(TEXTO DIDÁTICO)

PROF. MSC. PAULO SÉRGIO SOUZA FERREIRA  
JUNHO DE 2015

## O CONCEITO DE MAIS-VALIA

Na circulação capitalista de mercadorias, o dinheiro constitui o motivo impulsionador e sua finalidade última. Ou seja, o próprio valor de troca é o objetivo determinante e derradeiro da circulação. Seu movimento é descrito pela fórmula  $D - M - D$ . Na circulação simples de mercadorias ( $M1 - D - M2$ ), o dinheiro apenas viabiliza o processo de circulação social das mercadorias.

Na circulação  $M1 - D - M2$ , o conteúdo de tal movimento é a troca de valores de uso entre os diferentes produtores de mercadorias, no qual o dinheiro serve apenas como mediador de tal operação. A forma de circulação  $D - M - D$  parece aparentemente sem sentido, pois a mesma quantidade de dinheiro é obtida ao final de seu movimento. Devido aos riscos envolvidos em tal operação, seria mais prudente o entesouramento. Dinheiro no começo do processo e ao final não pode diferenciar-se qualitativamente, mas apenas quantitativamente. Daí que o conteúdo do movimento  $D - M - D$  deve-se apenas à diferença quantitativa em ambos os extremos. Por conseguinte, sua forma completa é  $D - M - D'$ , em que  $D' = D + \Delta D$ . Esse incremento ou excedente ( $\Delta D$ ) sobre o valor originalmente adiantado na circulação é o que Karl Marx chama de *mais-valia*.

A circulação do dinheiro como capital é uma finalidade em si mesma, pois a valorização do valor só existe sempre dentro desse movimento constantemente renovado. Se o dinheiro for retirado da circulação deixa de funcionar como capital e torna-se tesouro (entesouramento). Disso se infere que o objetivo da produção capitalista é a valorização do capital originalmente adiantado ou produção de *mais-valia*.

É inútil procurar a fonte da *mais-valia* na esfera da circulação. No processo de troca, o que se trocam são equivalentes. Qualquer desvio do preço de uma mercadoria em relação ao seu valor (o que é possível) aparece como uma violação das leis do intercâmbio de mercadorias. Essa interpretação da economia vulgar é resultado da confusão entre valor de uso (forma material da mercadoria) e valor. Ou seja, o que se trocam são valores de uso diferentes e não valores de troca diferentes. O valor de troca é sempre o mesmo. Portanto, segundo Karl Marx, a *mais-valia* não pode ser criada no comércio.

Para a ilustração do fato de que o comércio não produz *mais-valia*, Marx supõe que seja permitido a cada vendedor um aumento nominal do preço de sua mercadoria de

10%. E se apoia nas seguintes hipóteses: (1) por um lado, a diferença entre os valores de uso é o motivo central da troca e torna os possuidores de mercadorias distintas interdependentes entre si; e (2) por outro lado, existe a diferença entre a forma natural das mercadorias e sua forma transformada (mercadoria e dinheiro).

Nessa análise, Marx observa que a vantagem obtida quando do aumento nominal do preço da mercadoria e seu repasse na venda é eliminada quando o mesmo agente econômico se encontra no mercado como comprador. Vejamos:

Admita-se agora que seja permitido aos vendedores, por um privilégio inexplicável, vender a mercadoria acima de seu valor, a 110 quando ela vale 100, portanto com um aumento nominal de preço de 10%. O vendedor cobra, portanto, uma mais-valia de 10. Mas depois de ter sido vendedor, ele se torna comprador. Um terceiro possuidor de mercadorias encontra-o agora como vendedor por sua vez do privilégio de vender a mercadoria 10% mais cara. Nosso homem ganhou 10 como vender para perder 10 como comprador. O todo acaba redundando no fato de que todos os possuidores de mercadorias vendam reciprocamente as suas mercadorias 10% acima do valor, o que é inteiramente o mesmo que venderem as mercadorias por seus valores. Tal aumento nominal e geral do preço acarreta o mesmo efeito que se os valores das mercadorias fossem avaliados em prata ao invés de em ouro. As denominações monetárias, isto é, os preços das mercadorias, iriam inchar, mas as suas relações de valor ficariam inalteradas<sup>1</sup>.

O resultado é o mesmo se fosse possível a cada comprador comprar as mercadorias com um valor 10% inferior aos seus reais valores. Isso decorre do fato de que na circulação produtores de mercadorias se defrontam com outros produtores de mercadorias, na qual aparecem ora como vendedores ora como compradores.

No caso da troca de uma mercadoria por um valor  $X$  por outra de valor  $X + 5$  também não há criação de mais-valia. Nesse caso, trata-se apenas de redistribuição de valores preexistentes entre os agentes envolvidos na transação. Por conseguinte, na esfera da circulação ou intercâmbio de mercadorias não se produz valor.

## **O SEGREDO DA PRODUÇÃO DE MAIS-VALIA**

A fonte da mais-valia não pode ser encontrada na esfera da circulação conforme se concluiu na análise feita acima. A modificação dos valores existentes não pode ocorrer com o dinheiro mesmo, nem com a mercadoria vendida após sua saída do processo produtivo. A valorização do valor só é possível para o capitalista no primeiro

---

<sup>1</sup> MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. 2.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985. v. 1. Coleção Os Economistas, p.134-35. Do original: MARX, Karl. *Das Kapital – Kritik der politischen Ökonomie*. Hamburgo, 1890.

ato de compra, isto é, no ato D – M. No entanto, a geração do excedente ou mais-valia não pode provir do valor das mercadorias adquiridas (são sempre trocados equivalentes), mas apenas de seu consumo. Ou seja, o capitalista tem que adquirir no mercado uma mercadoria cujo valor de uso tenha a característica peculiar de ser fonte do valor. *E tal mercadoria só pode ser a capacidade de trabalho ou força de trabalho.*

Karl Marx define a força de trabalho da seguinte forma:

Por força de trabalho ou capacidade de trabalho entendemos o conjunto das faculdades físicas e espirituais que existem na corporalidade, na personalidade viva de um homem e que ele põe em movimento toda vez que produz valores de uso de qualquer espécie<sup>2</sup>.

No entanto, para que o proprietário do capital encontre à força de trabalho disponível no mercado algumas condições devem ser preenchidas: (1) para que o trabalhador possa vendê-la, ele deve dispor dela, isto é, ser proprietário de sua própria força de trabalho; (1.1) o capitalista e o trabalhador são ambos proprietários de mercadorias diferenciando-se apenas pelo fato de um ser comprador e o outro vendedor; (1.2) o trabalhador tem que vender a sua força de trabalho apenas por determinado tempo (parcialmente), caso contrário, se transformaria num escravo, de possuidor de mercadoria em mercadoria; (2) a segunda condição essencial é que o possuidor da força de trabalho não possa vender mercadorias em que se objective o seu próprio trabalho, mas antes precisa, muito mais, vender sua própria força de trabalho que só existe em seu próprio corpo (a venda de sua força de trabalho constitui a sua única condição de sobrevivência). O atendimento dessas duas condições é o resultado de todo um desenvolvimento histórico anterior, o produto de muitas revoluções econômicas e da decadência de toda uma série de formações mais antigas do processo de reprodução material da sociedade.

A produção e a circulação de mercadorias, bem como o dinheiro e suas formas específicas (medida dos valores, meio circulante, meio de pagamento, tesouro e dinheiro mundial) podem surgir em fases distintas do processo de produção social. Basta apenas uma circulação de mercadorias relativamente pouco desenvolvida para que todas essas formas surjam. Este não é o caso do capital, pois ele só surge em um período em que o produtor direto é completamente livre para vender sua força de trabalho. O

---

<sup>2</sup> MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. 2.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985. v. 1. Coleção Os Economistas, p.139. Do original: MARX, Karl. *Das Kapital – Kritik der politischen Ökonomie*. Hamburgo, 1890.

aparecimento dos trabalhadores assalariados é uma condição histórica que demarca precisamente a época capitalista.

*Determinantes do valor da força de trabalho:* o valor da força de trabalho é determinado pelo quantum de trabalho socialmente necessário à produção e reprodução dessa mercadoria específica. Para tanto, é necessário que o trabalhador esteja vivo, pois a força de trabalho só existe no corpo do produtor. Daí que o valor da força de trabalho corresponde ao valor dos meios de subsistência necessários à manutenção da vida do trabalhador. No cálculo do valor da força de trabalho, se incluem entre as necessidades físicas básicas (alimentação, vestuário, habitação, etc.) os chamados elementos culturais. Isto é, também entram em seu cálculo, os hábitos e aspirações de vida sob os quais se constituem a classe dos trabalhadores assalariados. Diferentemente das outras mercadorias, os determinantes do valor da força de trabalho contêm elementos históricos e morais. Além disso, à soma dos meios de subsistência necessários à manutenção da vida dos trabalhadores se incluem o montante necessário à subsistência de seus filhos, pois as forças de trabalho ativas tem que ser substituídas periodicamente, seja pelo desgaste das existentes (velhice, invalidez) ou pela morte. Os custos de formação ou de aprendizagem da força de trabalho também entram como componentes do valor da força de trabalho.

O valor diário pago ao trabalhador tem que ser suficiente para que ele possa renovar-se continuamente e estar apto a retomar sua atividade produtiva. Esse valor pago diariamente tem que ser suficiente para que o trabalhador possa cobrir suas despesas com meios de subsistência, independentemente da forma como esses gastos se distribuem no tempo. Por exemplo, imagine as despesas diárias (A), semanais (B) e trimestrais de um trabalhador (C). Seus gastos com meios de subsistência serão distribuídos de acordo com a equação, a seguir:  $\underline{365 A + 52 B + 4 C + etc..}$

365

O segredo da produção de mais-valia decorre da natureza peculiar da mercadoria força de trabalho. A força de trabalho é paga por seu valor (pressuposto implícito na análise de Marx), mas seu valor de uso ainda não se transferiu completamente para as mãos de seu comprador (capitalista) após a conclusão do contrato de trabalho. O valor da força de trabalho já estava determinado previamente antes da realização do intercâmbio entre capital e trabalho. No entanto, seu valor de uso consiste na sua exteriorização, ou melhor, dizendo, no seu consumo. A alienação da força de trabalho e sua exteriorização se separam temporalmente. Por conseguinte, o dinheiro do capitalista

funciona como meio de pagamento, ou seja, nos países de produção capitalista a força de trabalho só é paga, depois de ter atuado no processo produtivo (por exemplo, semanalmente ou mensalmente). Disso resulta que o trabalhador fornece crédito ao capitalista para o pagamento do próprio salário.

Para esclarecer o processo de produção da mais-valia é preciso sair da esfera da circulação e investigar a relação entre capital e trabalho desenvolvida dentro da fábrica (esfera produtiva). Dessa forma, o mistério da criação de mais-valia será desvendado.

*Análise do processo de trabalho que ocorre dentro da fábrica capitalista:* na formação do valor dos produtos, entra não só o tempo de trabalho incorporado à produção de uma mercadoria em particular, mas também os trabalhos incorporados na produção das matérias-primas e dos meios de trabalho, que são indispensáveis à sua produção. Por exemplo, no valor total do fio produzido incorpora-se também o valor do algodão e dos fusos que auxiliam em sua produção.

Na consideração do valor de uma mercadoria qualquer (fio, por exemplo), os diferentes processos de trabalho, que estão separados no tempo e no espaço, têm que ser percorridos e, por isso, podem ser considerados como fases sucessivas do mesmo processo de trabalho. Por exemplo, o processo de trabalho do fuso e do algodão são partes sucessivas e integrantes do processo de trabalho do fio. Isto é, todo trabalho incorporado no fio ou em qualquer outra mercadoria é trabalho passado. Pode-se considerar o tempo de trabalho despendido nas matérias-primas e no meio de trabalho, como tempo de trabalho despendido em fase anterior do processo de fiação.

Por conseguinte, os valores do fuso e do algodão são partes integrantes do valor do fio. Para tanto, duas são as condições necessárias: (1) os meios de produção devem ter servido realmente à produção da mercadoria em questão; e (2) que somente o tempo de trabalho socialmente necessário foi aplicado na produção do valor de uso (pág. 156). A outra parte do valor da mercadoria é a que acrescenta o próprio trabalhador empenhado nesse processo de produção específico. No caso do fio, trata-se do valor incorporado pelo fiandeiro na produção dessa espécie de valor de uso.

Do ponto de vista do processo de trabalho, o trabalho do fiandeiro é totalmente distinto do trabalho do produtor de algodão, de fusos ou de qualquer outra espécie particular de trabalho. Isso pode ser percebido pelo seu modo particular de operar, pela natureza peculiar de seus meios de produção e em seu valor de uso particular. No entanto, enquanto trabalho que cria valor não difere em nada das outras espécies particulares de trabalho (marceneiro, pedreiro, produtor de algodão, etc.). Nessa

qualidade, só difere quantitativamente e os diferentes tipos de trabalho formam apenas partes alíquotas do valor total da mesma mercadoria.

Do ponto de vista do valor, a matéria-prima e o produto são analisados apenas do ponto de vista do *quantum* determinado de trabalho socialmente necessário que eles absorvem. No produto final (no caso, o fio), mede-se apenas a quantidade de trabalho humano abstrato e objetivado nos meios de produção (algodão e fusos), a qual é transferida ao fio. Além disso, a quantidade adicionada pelo trabalho do próprio produtor de fios (o fiandeiro).

No entanto, o valor total incorporado na mercadoria fio pelo algodão, fusos e o trabalho do próprio fiandeiro apenas repõe o capital adiantado pelo capitalista que investe seu dinheiro nessa esfera particular de negócios. Ou seja, ele não se valorizou.

*O segredo da mais-valia:* sua valorização é possível pelo fato de que o valor da força de trabalho e sua valorização no processo de trabalho são coisas inteiramente distintas. Ou seja, seus custos e seu dispêndio diário são grandezas totalmente diversas. Dessa diferença é que surge a mais-valia, ou seja, a parte da jornada de trabalho que se constitui trabalho não pago e embolsado pelo capitalista. Em suma, o decisivo é que a força de trabalho é a fonte criadora de valor e de mais-valor, e isso constitui o seu valor de uso específico quando se considera o processo de trabalho, do ponto de vista do processo de valorização. O vendedor da força de trabalho aliena seu valor de uso em troca de seu valor de troca, que assume a forma de salário. E essa troca não viola as leis do intercâmbio de mercadorias, pois o valor da força de trabalho é pago de acordo com o tempo de trabalho socialmente necessário para reproduzi-la.

Entretanto, o trabalhador encontra pronto na fábrica uma quantidade de meios de produção, que ultrapassa o tempo de trabalho necessário para a reprodução do valor de sua força de trabalho nas condições sociais médias. Por exemplo, se o valor de sua força de trabalho se reproduz em 6 horas numa jornada de trabalho diária, mas a jornada total dura 12 horas, então, nas 6 horas de trabalho restantes o valor criado pela força de trabalho nesse período excedente será apropriado pelo capitalista. Daí que ao invés de mobilizar quantidade suficiente de meios de produção para apenas 6 horas de trabalho (10 libras de algodão), o capitalista comprará quantidade suficiente para uma jornada diária de 12 horas (20 libras de algodão). Ou seja, ao invés de 10 libras de algodão, que se transformarão em 10 libras de fio, serão transformadas 20 libras de algodão em 20 libras de fio.

Dessa forma, dinheiro transformou-se em capital. Mais dinheiro foi retirado da circulação, do que em comparação ao que foi lançado nela para a compra de meios de produção e de força de trabalho, por meio da adição de mais-valia apropriada pelo capitalista.

Marx descreve o processo de valorização da seguinte forma:

O capitalista, ao transformar dinheiro em mercadorias, que servem de matérias constituintes de um novo produto ou de fatores do processo de trabalho, ao incorporar força de trabalho à sua objetividade morta, transforma valor, trabalho passado, objetivado, morto em capital, em valor que se valoriza a si mesmo, um monstro animado que começa a “trabalhar” como se tivesse amor no corpo<sup>3</sup>.

O processo de formação de valor é aquele que dura até o ponto em que o valor da força de trabalho é substituído por um novo equivalente em mercadorias produzidas. Se ultrapassar este ponto, *torna-se processo de valorização*. Na comparação com o processo de trabalho, o processo de formação de valor apresenta-se apenas do ponto de vista quantitativo (o trabalho considerado apenas do ponto de vista de sua duração e não de forma concreta, útil).

## A TAXA DE MAIS-VALIA

Dado um capital global adiantado de  $C = 500$ , em que  $c = 410$  (capital constante) e  $v = 90$  (capital variável). Ao final do processo produtivo,  $C$  se valoriza e se transforma em  $C' = 590$ . Ou seja,  $c = 410$ ,  $v = 90$  e  $m = 90$  (mais-valia). A diferença entre  $C$  e  $C'$  é exatamente o montante da mais-valia ( $m$ ) que é igual a 90.

Da soma total do capital global adiantado na produção ( $C = c + v$ ), observa-se que a soma despendida com meios de produção ( $c$ ) apenas reaparece no valor do produto obtido ( $C' = c + v + m$ ). Ou seja, o produto de valor ( $v + m$ ) que foi realmente criado no processo produtivo difere da soma total do valor do produto obtido ( $C' = c + v + m$ ). No caso acima, os 180 diferem dos 590 obtidos após a saída da mercadoria de dentro da fábrica. Por conseguinte, a mais-valia é consequência da mera mudança de valor que ocorre com a parte convertida em capital variável ( $v$ ). Isto é,  $v + m = v + \Delta v$ .

---

<sup>3</sup> MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. 2.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985. v. 1. Coleção Os Economistas, p.160-61. Do original: MARX, Karl. *Das Kapital – Kritik der politischen Ökonomie*. Hamburgo, 1890.

Para o cálculo da taxa de mais-valia, Karl Marx deduz a parte convertida em capital constante, ou seja,  $c = 0$ . Dado o produto de valor ( $v + m$ ) temos que subtrair o montante correspondente ao capital variável ( $v$ ) para chegar ao montante absoluto da mais-valia ( $m$ ). A sua grandeza proporcional é dada pela taxa de mais-valia. Esse indicador mede a proporção em que o capital variável se valorizou, é dado pela seguinte equação:  $m/v$ . No caso acima, temos o seguinte:  $90/90 = 100\%$ . Marx chama de taxa de mais-valia a valorização proporcional do capital variável ou a grandeza proporcional da mais-valia.

Na produção das mercadorias, o trabalhador cumpre uma jornada de trabalho diária que tem determinada duração. Por exemplo, jornadas de 10 ou 12 horas de trabalho. Parte de sua jornada diária ele trabalha para produzir o valor diário de sua força de trabalho. No entanto, como ele apenas repõe o valor já adiantado ao capitalista sob a forma de pagamento diário, semanal, etc., então, essa produção de valor aparece como reprodução. Essa parte da jornada em que ele apenas repõe o valor de sua força de trabalho chama-se *tempo de trabalho necessário* e de *trabalho necessário*, o trabalho despendido durante esse tempo. O tempo posterior do processo de trabalho, em que o trabalhador labuta, além do tempo de trabalho necessário chama-se *tempo de trabalho excedente* e o trabalho despendido nesse período de *mais-trabalho*. O que diferencia as formações socioeconômicas é apenas a forma como o trabalho excedente é extorquido do produtor direto.

Segue-se daí que a mais-valia está para o capital variável como o mais-trabalho está para o trabalho necessário. Por conseguinte:  $(m/v) = \text{trabalho excedente} / \text{trabalho necessário}$ . As duas equações expressam a mesma coisa.

A taxa de mais-valia é, por isso, a representação mais exata do grau de exploração da força de trabalho pelo capital ou do trabalhador pelo capitalista. A taxa de mais-valia é normalmente confundida com a taxa de lucro, a qual é calculada da seguinte forma:  $m/c + v$ .

*Representação do valor do produto em partes proporcionais do produto:* na representação do valor do fio de 30 xelins (em que 24 xelins corresponde ao valor dos meios de produção, 3 xelins ao valor do capital variável e 3 xelins a mais-valia) observa-se que o valor do fio também pode ser representado em partes proporcionais do produto. Por exemplo, em 20 libras de fio que tem valor igual a 30 xelins, deduz-se que  $8/10$ , ou seja, 16 libras de fio correspondem aos meios de produção empregados (13  $1/3$  libras de fio representam o algodão elaborado enquanto os  $2 \frac{2}{3}$  restantes as matérias

auxiliares e meios de trabalho consumidos no processo produtivo). Os 2/10 restantes (4 libras de fio) correspondem ao produto de valor ( $v + m$ ).

Na análise da representação do valor do produto-mercadoria em partes proporcionais do produto observou-se que tendo em vista que a produção de mais-valia é o objetivo determinante do modo de produção capitalista, então, não é a grandeza absoluta do produto social, mas *a grandeza relativa do mais-produto (mais-valia) que mede o grau de riqueza de uma nação*. A parte da mais-valia que se representa no produto (no caso acima, 2 libras de fio) chama-se *mais-produto*.

## MÉTODOS DE AMPLIAÇÃO DA MAIS-VALIA

No primeiro caso, a mais-valia absoluta, amplia-se o tempo total da jornada de trabalho prolongando assim a parte da jornada destinada ao trabalho não pago, mantendo-se inalterada a parte da jornada de trabalho em que o trabalhador trabalha para si mesmo, ou seja, em que se reproduz o valor de sua própria força de trabalho.

No segundo, a produção de mais-valia relativa, é obtida mediante o acréscimo da parte da jornada de trabalho que produz o produto excedente (mais-valia) à custa da redução da parte da jornada de trabalho em que o trabalhador reproduz o valor de sua força de trabalho. Nesse método, o tempo total da jornada de trabalho mantém-se inalterado. Isso é obtido, por um lado, mediante aperfeiçoamentos técnicos que atinjam os ramos de produção que produzem os meios de subsistência necessários aos trabalhadores para sua sobrevivência, os quais entram no cálculo do valor da força de trabalho. Por outro lado, indiretamente, através do barateamento das mercadorias produzidas pelos ramos que fornecem os meios de produção utilizados na produção dos meios de subsistência. Marx resume da seguinte forma os dois métodos:

A mais-valia produzida pelo prolongamento da jornada de trabalho chamo de mais-valia absoluta; a mais-valia que, ao contrário, decorre da redução do tempo de trabalho e da correspondente mudança da proporção entre os dois componentes da jornada de trabalho chamo de mais-valia relativa<sup>4</sup>.

## RELAÇÃO ENTRE TAXA E MASSA DE MAIS-VALIA

---

<sup>4</sup> MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. 2.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985. v. 1. Coleção Os Economistas, p.251. Do original: MARX, Karl. *Das Kapital – Kritik der politischen Ökonomie*. Hamburgo, 1890.

Pressuposto que o valor da força de trabalho é constante, com o conhecimento da taxa de mais-valia é possível saber simultaneamente a massa de mais-valia que o trabalhador fornece ao capitalista em determinado intervalo de tempo. Por exemplo, se a taxa de mais-valia é de 200%, então, para o valor diário de uma força de trabalho igual a 3 reais tem-se uma mais-valia de 6 reais. O valor total do capital variável empregado numa fábrica é igual ao valor médio da força de trabalho multiplicado pelo número de trabalhadores.

Caso se conheça o valor do capital variável e a taxa de mais-valia é possível calcular a massa de mais-valia produzida. Por exemplo, supondo que o valor diário da força de trabalho seja igual a 1 real com taxa de mais-valia de 100%, então, a mais-valia produzida por um trabalhador individual diariamente é de 1 real. Para um capital variável de 100 reais, a massa de mais-valia produzida é de 100 reais. Daí o montante total da mais-valia produzida pode ser calculado da seguinte forma: ele é igual à mais-valia produzida por um trabalhador individual multiplicada pelo número de trabalhadores empregados na fábrica.

Dado que o valor da força de trabalho empregada é constante, a massa de mais-valia produzida pelo trabalhador individual é determinada pela taxa de mais-valia. Disso decorre a *primeira lei* enunciada por Marx:

A massa da mais-valia produzida é igual à grandeza do capital variável adiantado multiplicado pela taxa de mais-valia ou é determinada pela relação composta entre o número das forças de trabalho exploradas simultaneamente pelo mesmo capitalista e o grau de exploração da força de trabalho individual<sup>5</sup>.

Sendo  $M$  = a massa de mais-valia;  $m$  = a mais-valia fornecida em média pelo trabalhador individual;  $v$  = o capital variável adiantado diariamente na compra de uma força de trabalho individual;  $V$  = a soma total do capital variável;  $K$  = o valor de uma força de trabalho média;  $(a'/a)$  o grau de sua exploração e  $n$  = o número total de pessoas empregadas, então, têm-se as seguintes fórmulas para o cálculo da massa de mais-valia produzida:  $M = m/v \times V$ ; ou  $M = K \times a'/a \times n$ .

A *segunda lei* enunciada por Marx é a que decorre do fato de que o limite absoluto da jornada de trabalho é sempre menor que 24 horas. Esse limite imposto pela duração limitada da jornada de trabalho diária forma um limite absoluto à compensação

---

<sup>5</sup> MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. 2.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985. v. 1. Coleção Os Economistas, p.239. Do original: MARX, Karl. *Das Kapital – Kritik der politischen Ökonomie*. Hamburgo, 1890.

de capital variável em queda pelo aumento da taxa de mais-valia. Vejamos: um capital variável de 500 reais que emprega 500 trabalhadores e com uma taxa de mais-valia de 100%, no qual se reproduz o valor da força de trabalho em 6 horas, produz uma massa de mais-valia igual a 500 (12 x 500) numa jornada total de 12 horas. Um capital de 100 reais que emprega 100 trabalhadores e com taxa de mais-valia de 200% ou jornada de 18 horas produz massa de mais-valia igual a 200 reais (12x100 horas de trabalho).

A terceira lei diz que dados à taxa de mais-valia e o valor da força de trabalho quanto maior os gastos com capital variável maior a massa de valor e de mais-valia produzida. Ou seja, ela é tanto maior quanto maior a quantidade de trabalhadores que o capitalista explora (põe em movimento).

## **BIBLIOGRAFIA**

MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. 2.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985. v. 1. Coleção Os Economistas. Do original: MARX, Karl. *Das Kapital – Kritik der politischen Ökonomie*. Hamburgo, 1890.